



OS VIKINGS NO MEDIEVO – ALGUNS ASPECTOS CULTURAIS DOS HOMENS DO NORTE

Douglas Esteves Moutinho¹

Resumo:

O espaço cronológico entre o saque ao Mosteiro de Lindisfarne na região da Northumbria e a morte do rei Harald Hardrada é tratado na história como a Era Viking, e como o próprio nome sugere, a predominância dos povos do norte europeu era evidente. Como objetivo desse artigo, apresentaremos características acerca dos antigos escandinavos, destacando a sua importância e influência para a história e apontando aspectos culturais muitas vezes ausentes na cultura moderna.

Palavras-chaves: Era Viking, Harald Hardrada, escandinavo, povos nórdicos, sagas.

Abstract:

The chronologic space between the plunder of the Lindisfarne's Monastery, in Northumbria's region, and Harald Hardrada's death is considered the Viking Age, and as the name suggests, the predominance of people from the north was evident. In this paper, we describe features related to the old Scandinavian people, contrasting their importance and influence to History and pointing cultural aspects which are often absent in modern culture.

Keywords: Viking Age, Harald Hardrada, Scandinavian, Nordic Folk, sagas.

Os primeiros povos escandinavos datam do período *Mesolítico*², dependendo da caça, pesca e colheita de plantas silvestres para sua sobrevivência, tendo como modelo

¹ Graduando em português-Alemão do Curso de Letras e Bolsista de Iniciação Científica da Universidade Federal do Rio de Janeiro

² Período marcado por existência migratória e disseminada na Europa, tendo seu início em aproximadamente 8000 a.C. até 4000 a.C. (GRAHAM-CAMPBELL, 2006, p.22).

de vida o *nomadismo*³. Como nômades, seus acampamentos eram temporários, deixando assim poucos vestígios de sua existência, exceto pelas ferramentas e armas feitas de sílex⁴ e algumas sepulturas.

No período que a arqueologia denomina *Neolítico*⁵, um novo modelo intervém do sul, afetando os costumes da Escandinávia. A agricultura fez com que os povos nômades se estabelecessem por um período mais longo em suas casas, cultivando as terras adjacentes às suas. Formaram-se então pequenas aldeias. No entanto, essas aldeias (ou colônias) ainda eram semipermanentes⁶, uma vez que a utilização frequente da terra e a falta de adubo tornariam gradativamente as terras improdutivas, levando a migração destas comunidades para regiões ainda não cultivadas.

Embora essas diversas aldeias espalhadas pela Escandinávia (principalmente na Escandinávia Meridional⁷) não mantivessem um amplo contato umas com as outras, suas características culturais eram bastante convergentes. Notamos isso prioritariamente pela presença de *túmulos megalíticos*⁸, que detinham a mesma arquitetura e, segundo fontes arqueológicas, as mesmas características fúnebres, como a permanência de objetos dos falecidos e a presença de sacrifícios (GRAHAM-CAMPBELL, 2006, p.22).

Por volta de 1.800 a.C. teve início a Idade do Bronze na região da Dinamarca. Nessa época, os povos escandinavos abriram-se ao âmbito comercial, negociando produtos com outras regiões da Europa. No entanto, foi na Idade do Ferro que a Escandinávia mais se desenvolveu no âmbito da forja de ferramentas e armas, tendo tal época durado cerca de 1500 anos, e dividindo-se em várias fases cronológicas: a Idade do Ferro Primitiva⁹, a Idade do Ferro Romana¹⁰, cuja data também serve para identificar a época das grandes migrações¹¹ do leste, nos séculos V e VI e o Período de Vendel¹²,

³ Referente à nômade. Tribos sem habitação fixa (*Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, 11ª ed. s/a).

⁴ Mistura de calcedônio e sílica hidratada.

⁵ Época posterior à Mesolítica, caracterizada pela adoção do sistema agrícola na Europa (GRAHAM-CAMPBELL, 2006, p.22).

⁶ Característica de povos nômades que se estabeleciam em uma terra por um longo tempo, migrando, assim, com menos frequência do que as tribos genuinamente nômades.

⁷ Região da Escandinávia que englobava a atual Dinamarca, o sul da Suécia e o sudeste da Noruega (GRAHAM-CAMPBELL, 2006, p.22).

⁸ Monumentos tumulares construídos com grandes pedras, conhecidas como megálitos (GRAHAM-CAMPBELL, 2006, p.22).

⁹ Ou Idade do Ferro Celta ou Pré-romana, datando dos primeiros 500 anos da Idade do Ferro.

¹⁰ Fase em que o Império Romano dominava a maior parte do continente europeu, mais especificamente do século I a IV.

¹¹ Acontecimento relacionado as diversas migrações entre os anos 300 e 800 (Migrações dos Povos Bárbaros; In: www.wikipedia.org, acesso em 31/05/2013).

sendo esta época a anterior ao advento da cultura viking, que deixou marcas profundas na história “inglesa” a partir do século VIII. O caso do mosteiro de Lindisfarne¹³ é emblemático nesse sentido.

O mosteiro, fundado a pedido do rei Oswald¹⁴ em meados de 635 d.C. pelo irlandês Aidan de Lindisfarne, foi até o século VIII um espaço voltado para a conversão, considerado um dos lugares de peregrinação mais sagrados da Inglaterra. O próprio rei prestara-se a serviços de tradução em favor do cristianismo, mantendo-se tal tradição por mais de um século.

Com uma restauração no século XII, em meio aos escombros, foi encontrada uma pedra. Nessa pedra, estavam registrados indícios acerca de acontecimentos em relação ao mosteiro. Em um dos lados foram gravados símbolos sagrados do cristianismo, e do outro lado homens enfileirados, carregando lanças e machados de guerra. Segundo a arqueologia, a pedra em questão fora esculpida por algum monge anglo-saxão que teria presenciado o acontecimento que os historiadores considerariam como o início da Era Viking.

"AD. 793. This year came dreadful fore-warnings over the land of the Northumbrians, terrifying the people most woefully: these were immense sheets of light rushing through the air, and whirlwinds, and fiery dragons flying across the firmament. These tremendous tokens were soon followed by a great famine: and not long after, on the sixth day before the ides of January in the same year, the harrowing inroads of heathen men made lamentable havoc in the church of God in Holy-island, by rapine and slaughter." (ANÔNIMO, Entry for the Year A.D. 793 in the Anglo Saxon Chronicle¹⁵)

No ano de 793, mais precisamente em 8 de junho de 793, foi relatada a tomada da ilha e a destruição do mosteiro. Esse foi o primeiro registro histórico acerca das invasões vikings. A Era Viking frequentemente é estabelecida dessa data até 1042, quando o último rei escandinavo na Inglaterra (o filho do rei anterior, Canuto II) é assassinado por Eduardo, o Confessor¹⁶ (MOOSBURGER, 2009, p.13). No entanto, a

¹² Último período da Idade do Ferro na Escandinávia, respectivo aos séculos VII e VIII. Para mais informações cf. GRAHAM-CAMPBELL, 2006, p.24-35.

¹³ Lindisfarne, ou em inglês Holy Land, é uma ilha ligada por terra fina a Northumbria, Inglaterra

¹⁴ (604 a 642) Foi rei da região da Northumbria após da Batalha de Havenfield (Santo Oswaldo de Northumbria; In: <http://www.portalangels.com>, acesso em 09/06/2013).

¹⁵ *Anglo Saxon Chronicle*: compilada por ordem do rei Alfredo O Grande, em aproximadamente 890 d.C., é um importante documento que relata acontecimentos decisivos relativos aos anglo-saxões em fins da Antiguidade e na Idade Média. Foi originalmente escrito em *Old English*, porém contém entradas posteriores em Middle-English (Anglo Saxon Chronicles; www.britannia.com; acesso em 09/06/2012).

¹⁶ Eduardo O Confessor: rei saxão na Inglaterra, que fugiu para a Normandia após a invasão dinamarquesa de 1013 (MOOSBURGER, 2009, p.13).

maioria concorda que o fim do período data do ano de 1066, assim como o início da Baixa Idade Média, data essa marcada pela morte de Harald III (Harald Hardrada), da Noruega (uma vez chefe da guarda varengiana¹⁷) na região de York na Inglaterra, na famosa batalha de Stamford Bridge, após uma campanha de sucesso nas terras inglesas, em que vencera em Fulford. Ambas as batalhas foram travadas contra as forças anglo-saxônicas sob comando de Harold Godwinsson, morto no mesmo ano pela invasão normanda, liderada pelo Duque Willian da Normandia (BRONDSTED, 2004, p.31 à 33).

Após essas considerações preliminares, teceremos alguns comentários acerca da definição etimológica da palavra *viking*, ressaltando, contudo, que não há um consenso acerca da origem da mesma, e embora todas as teorias sejam meramente hipóteses, vinculam-se a um só sentido válido. Vale a pena notar que não há registros da utilização da palavra *vikingr* em fontes contemporâneas não escandinavas. Como exemplificação dessa informação vemos que os anais francos utilizam a palavra *Normanni*, os anglo-saxões utilizam *Dani*, nas crônicas germânicas aparece *Ascomanni* (homens de madeira), os irlandeses os denominam *Gall*, os bizantinos e árabes *Rus* e na região da Espanha eram chamados de *Madjus*.

O termo *viking* pode ter sido originado do escandinavo “vig”, que significa “batalha”, ou, da mesma origem “vik”, “riacho”. Pode ter sua origem também ligada ao inglês antigo “wic”, nome para “acampamento”. Outra teoria, porém menos aceita, é a sua origem a partir do latim “vicus”, “cidade”, associada a uma suposta mudança posterior para “pirata”. Ainda há diversas outras explicações associadas à palavra “vikja” (mover) ou “wikan” (foca), porém tais opiniões são pouco defendidas. Em suma, na maioria das hipóteses sugeridas, há a associação ao mar, levando-nos a diversos nomes que nos remetem a “pirata”, que independentemente da origem, é certamente o significado mais aceito dentre todos os oferecidas (BRONDSTED, 2004, p.31-33).

Como vimos, os guerreiros vikings, assim como os dados etimológicos sugerem, são associados à pirataria, atividade que os fez conhecidos e temidos ao longo de sua Era. No entanto, ainda não é consenso a razão que levou os povos do Norte a se aventurarem a terras estrangeiras por mais de dois séculos. Existem diversas teorias

¹⁷ Guarda Varegue: grupo de guerreiros vikings responsáveis pela guarda do imperador de Bizâncio. A palavra varego significa “homem jurado”, vindo do escandinavo “varar” (*Barsa Enciclopédia*, 1992, nº 15, p.335).

acerca dessas incursões. Uma dessas teorias, defendida por Johannes Steenstrup, é a teoria da superlotação, vinculada a fontes literárias, em que são apresentados relatos que mostram a extensão dos exércitos vikings, ou seja, uma teoria baseada em uma literatura com características bélicas. Contudo, essa literatura não nos remete a números exatos, e supondo que grande parte do povo escandinavo seja guerreira, não sobriaria um número significativamente maior de fazendeiros e pescadores entre a população viking. Ou seja, não é viável ou preciso deduzir o tamanho populacional de um povo baseando-se apenas em uma determinada classe (no caso a classe guerreira), sem saber qual percentual ela representaria dentro da população geral. Outra teoria aponta para um grande número de catástrofes climáticas, porém tal teoria apresenta também uma discrepância. Os saqueadores, inúmeras vezes, não estabeleciam colônias nas regiões “conquistadas”, em oposição a isso, voltavam com seus espólios de guerra, incluindo joias, armas e escravos. Outras teorias, porém menos significativas, estariam ligadas a pressões externas (como a que acarretou as Grandes Migrações poucos séculos antes), diferenças sociais e divergências internas (BRONDSTED, 2004, p.21). Todavia, todas essas hipóteses parecem-nos equivocadas se pensarmos no próprio temperamento e nos valores desses habitantes do norte. De acordo com Fritz Askeberg (**apud** LANGER, 2007, p.4), existem motivos mais plausíveis para esses ataques, entre eles expedições políticas, aventuras colonizadoras e penetração comercial. Todas as classificações apresentadas têm como referência algum acontecimento histórico como o saque do Mosteiro de Lindisfarne (ataques piratas), a conquista da Frísia de Carlos Magno pelo Rei Godofredo (expedições políticas), mas de fato foram motivos colonizadores os que mais são presentes ao longo da Era Viking.

O território pertencente aos povos escandinavos originalmente correspondia à região das atuais “Noruega”, “Dinamarca” e “Suécia”, dividindo assim as tribos escandinavas em três grandes grupos, os quais possuíam seus costumes, características e leis levemente diferentes entre eles. Os daneses estabeleceram um reinado que incluía a atual Dinamarca, parte da Alemanha e províncias de Skåne e Hallan, a Noruega mantinha-se dividida em pequenos reinos, enquanto os **svíar** viviam na Suécia e na região báltica, os **götár**.

Na primeira Era Viking, os saques e as incursões eram mais comuns, porém houve colonizações como no caso da Islândia e do principado de Kiev¹⁸ (em 860). A segunda Era Viking, portanto, é marcada por conquistas, como a da Inglaterra por Cnut¹⁹, que consolida um império efêmero em todo o Mar do Norte. Nesse período também houve a colonização de regiões da Groelândia e do Canadá (LANGER, 2009, p. 171).

No tocante às expansões e invasões pode-se resumir um quadro comparativo da seguinte forma: os daneses dominaram várias ilhas britânicas, os noruegueses colonizaram as ilhas Faroer, Islândia e Groelândia, e chegaram também ao continente americano por volta do ano 1000 (Canadá). Os suecos voltaram-se para o leste, com ênfase na expansão no Báltico, no início do séc. XIII, e posteriormente, com sua influência mercantil, continuaram sua penetração na Rússia, em direção à Arábia e Bizâncio (BRONDSTED, 2004, p. 25 a 27).

Em suma, podemos afirmar também pelas descobertas em Uppland e Gotland, que os vikings suecos eram os mais avançados, demonstrando várias semelhanças estilísticas com a atual “Suécia” (BRONDSTED, 2004, p. 19). Segundo um relato feito por Adam de Bremen, outra característica dos suecos foi a forma pacífica de encarar os outros grupos étnicos, dando grande valor a hospitalidade e considerando os bens materiais como menos significativos perante outros grupos vikings. No tocante a justiça, as únicas acusações que levavam a pena de morte era pilhar um vizinho, manter relações sexuais com a mulher de outro ou estuprar uma virgem (BRONDSTED, 2004, p.209).

¹⁸ Região eslava, atual Bielorrússia, parte da Rússia e Ucrânia. In: <http://historiadarussia.blogspot.com.br>, acesso em 11/06/2013).

¹⁹ Rei da Dinamarca e Noruega. Assumiu o controle da Inglaterra após a morte de seu pai, Sweyn, em 1014. In: <http://www.britroyals.com>; acesso em 11/06/2013.

Os daneses, por sua vez, segundo Adam de Bremen, destacavam-se na pirataria e pilhagem, adquirindo muitos bens dessa forma, sendo mais apegados a bens materiais do que os outros povos escandinavos, odiando o choro, muitas vezes voltando-se contra seus compatriotas e tendo uma visão radical de justiça, apenas vendo como castigo a escravidão e a morte.

Assim como os suecos, os noruegueses admiravam a simplicidade, e viviam geralmente em harmonia entre si e com os suecos, embora tivessem sido algumas vezes atacados pelos dinamarqueses. Destacavam-se por conseguir viver quase que completamente do gado, utilizando-o como fonte de bebida, comida e vestimenta (BRONDSTED, 2004, p.123).

Para as informações acerca desses fatos (e outros) se mostrarem coerentes foi necessária a busca de vestígios acerca dessas sociedades, e no tocante a isso destacamos a descoberta da antiga cidade de Hedeby, localizada na Dinamarca e destruída pelos eslavos em 1066. A cidade manteve a estrutura das construções, levando os pesquisadores a estabelecerem modelos habitacionais baseados nas evidências. Em resumo, as pesquisas levaram a conclusão de que as moradias escandinavas eram construídas com madeira, algumas com aduelas (pranchas verticais unidas), outras com armações com painéis de taipa, e outras ainda construídas como cabanas de toros. As casas mantinham suas aberturas para a rua, mantendo os celeiros para trás e muitas vezes contavam com lareiras em seu centro. A área de maior frequência do estabelecimento das cidades era a litorânea, uma vez que era favorável ao comércio (BRONDSTED, 2004, p. 102).

Para retratar a cultura e os costumes vikings, é necessário destacar seu transporte, um dos fatores colaboradores na formação do estereótipo viking em suas representações modernas. O transporte viking dá-se em grande parte no mar, salvo no inverno, em que a locomoção terrestre era mais apropriada, para tal sendo utilizados trenós e esquis. Contudo, o meio de transporte que de fato mais caracteriza os vikings são os navios. Existiam dois tipos de navios: o **Drakkar**, utilizado frequentemente para fins bélicos, por seu formato longo e fino, permitindo navegação em águas rasas. O termo **drakkar** origina-se do antigo nórdico “drakar” (dragão). Em oposição a ele havia o **Knorr**, que era uma embarcação mais utilizada para exploração e comércio, graças ao formato curto e largo. Ambos os navios eram frequentemente ornados com uma réplica

da serpente **Jormungand**²⁰ na proa (BRONDSTED, 2004, p. 121). Outro transporte viking, que vinha a ser mais do que um simples meio para se deslocar, é o cavalo. O camponês e o guerreiro viking muito o apreciavam, era seu animal favorito dentre todos, sendo muitas vezes enterrado junto a seu dono, como exemplificado na *Egil Saga*²¹, quando o protagonista enterra seu pai com seus instrumentos profissionais, armas e seu cavalo.

Quanto à economia, o sistema era baseado em troca. A moeda dos escandinavos não tinha uma real importância para sua economia, era apenas um símbolo de riqueza e, por isso, possuía apenas um valor simbólico. Essa moeda tinha dois padrões, ambos seguindo o modelo da cunhagem de Dorestad²², de Carlos Magno (BRONDSTED, 2004, p. 167).

No âmbito da escrita, eram utilizadas as runas. Pode-se afirmar que o sistema rúnico era bastante limitado, mas não deixa de ser valorizado graças a ser o único meio de escrita que traz aos dias atuais informações acerca da cultura viking escrita. O mais antigo alfabeto rúnico germânico registrado é o **Futhark**, criado em meados do ano 200 sob influência romana (direta ou indiretamente), e sendo baseado em um ou dois alfabetos da Europa Meridional, composto de 24 caracteres, com o tempo passando a 16 (número de caracteres existentes durante a Era Viking). Tanto os germanos continentais quanto os vikings acreditavam em uma força mítica nas runas, e graças a isso eram grafadas inscrições em armas, sepulturas e também em ocasiões comemorativas. Outra característica importante é que essas pedras rúnicas eram frequentemente “assinadas” e sempre continham o nome da pessoa a quem a pedra fosse dedicada. Com o passar dos anos e a expansão do cristianismo, várias pedras passavam a apresentar influência cristã (BRONDSTED, 2004, p.188).

A respeito da morte havia dois tipos de funeral: a cremação e a inumação, esta última mais frequente na Dinamarca e em Gotland. Esse rito funerário continha variantes no quesito sofisticação de acordo com a classe do morto. Com a entrada do cristianismo na Escandinávia, o funeral com sacrifícios e acompanhamento de objetos deixou de existir (LANGER, 2009, p. 45).

²⁰ Serpente filha do deus Loki com a gigante Angrboda.

²¹ *Egil Saga* é uma saga islandesa centrada na vida de Egil Skallagrimsson, o maior de todos os escaldos conhecidos na Escandinávia (BRONDSTED, 2004, P.282).

²² Moeda datada do início do séc. IX, antes da destruição da cidade que lhe deu o nome (Cidade de Dorestad). A moeda era bem conhecida e valorizada nas rotas de comércio entre a Frísia e o Norte. Nela estavam grafados “caro dor” e “lus stat” – *carolus dorstat* - (BRONDSTED, 2004, p. 167).

Mesmo os escandinavos sendo conhecidos prioritariamente pela guerra, o centro da vida nórdica era a família, fazendo com que as decisões de maior importância acerca de um indivíduo fossem tomadas por ela. As turbulências interfamiliares frequentemente eram resolvidas através das **things** (assembléias) como também com duelos combinados, muitas vezes levados até a morte, pagamento de uma multa pela parte culpada quitada em público ou o ordálio (prova por meio de dor física). A família também era responsável por todo o suporte dos membros, como crianças, idosos e doentes, assim como também era encarregada de vingança a favor de qualquer membro familiar. A educação formal era desconhecida, porém os **skalds** eram encarregados de ensinar as antigas narrativas às crianças, que, além disso, brincavam com bola, espadas de madeira e com jogo de tabuleiro. Elas também eram, desde pequenas, encarregadas de diversos tipos de trabalhos domésticos, que gradativamente aumentavam de acordo com a idade e o sexo. Na aristocracia, por exemplo, o menino aos 13 anos era chamado para atuar na política ou na guerra. No caso da mulher, após o casamento ela deixava para trás as relações diretas com a antiga família, passando então a cuidar das crianças, doentes e idosos, assim como se tornava também responsável pela arrumação e limpeza do novo lar, e perante a ausência do marido, a esposa era a encarregada da ordem e autoridade doméstica (o símbolo para isso era um molho de chaves preso ao cinto). As mulheres vikings podiam inclusive trabalhar na defesa da casa, mas diferentemente das mulheres celtas, elas não batalhavam, salvo no caso citado.

O casamento era arranjado pelos pais dos noivos, porém poderia haver a negação por ambas as partes. O processo, assim como hoje, é dividido em dois momentos: o noivado e o casamento. Durante o noivado, a guarda jurídica da mulher ficava com o irmão ou com o pai, passando então, após o casamento, para o marido, que tinha uma grande autoridade perante a esposa, podendo matá-la, se ela praticasse adultério (como também o amante), e inclusive matar o bebê, que tinha seu destino totalmente dependente do pai, levando em consideração que, na época pagã, o pai tinha direito perante a lei a forçar o aborto ou abandonar o bebê em bosques. Contudo, a esposa tinha o direito de solicitar divórcio, ter propriedades e bens legais, e perante a morte do marido podia tornar-se poderosa através da herança adquirida (LANGER, 2009, p. 173-177).

Quanto à classificação social escandinava, tem-se como uma das principais fontes de estudo o poema *A Canção de Rig*²³, segundo a qual haveria três grupos sociais, sendo eles o servo, o camponês e o nobre. Acima de todos estava o chefe/rei (**konungr**), o chefe militar, religioso e administrativo. Anteriormente, o rei era escolhido por votação entre os nobres, mas com uma crescente importância da monarquia o título começou a ser passado hereditariamente (BRONDSTED, 2004, p. 223). Logo abaixo do rei havia os outros nobres, e os únicos que votavam na escolha do representante eram os aristocratas (**jarls**), com seus cargos passados hierarquicamente. Entre os nobres havia os chefes locais (**lendmadr e godhar** – esse último título utilizado apenas na Islândia). Logo abaixo estavam os homens livres, fazendeiros, comerciantes, pescadores, etc. (**karls**). Dentre as demais responsabilidades, além do trabalho, estes consistiam também em reservas para combate. O lugar mais baixo da pirâmide era ocupado pelos escravos (**thrall**). Os escravos na Escandinávia não possuíam nenhum tipo de direito, nem o direito sobre suas vidas, sendo mortos por qualquer motivo pelos donos. Mesmo havendo esse quadro quanto à divisão das classes, juridicamente existiam somente duas: os homens livres, que eram os que podiam participar das **things** e os não livres, que se resumem aos escravos. Contudo, a estrutura social não era rígida, podendo haver mobilidade. Havia casos de escravos tornarem-se livres e fazendeiros passarem a aristocratas (LANGER, 2009, p.171-173). Na *Saga de Egil*, assim como em outras sagas, a profissão de ferreiro destaca-se entre os **karls**. Em uma passagem, quando o pai do protagonista morre, é enterrado com seus instrumentos de trabalho, que, de acordo com descobertas na Noruega, seriam martelos leves e pesados, tenazes com cabeça curta ou retas, limas, cinzel, tesouras e bigornas (BRONDSTED, 2004, p. 102-103).

Quanto à classe dos guerreiros, havia duas de destaque, que formavam a elite. Eram elas os **berserkers** e **velheidnar**²⁴. Na *Ynglinga Saga*, Snorri fala dos guerreiros vikings sendo inspirados pela fúria de Odin e sendo agressivos, enquanto a **berserkerganger** (comportamento frenético dos bersekers) estava com eles:

²³ *Rígsþul*: A Canção de Rig, texto pertencente à Edda Poética.

²⁴ **Berserkers** e **Velheidnar**: Também chamados de peles de urso e peles de lobo, respectivamente, caracterizavam-se por lutarem agressiva e ofensivamente sem proteção. Acredita-se que esse estado fosse alcançado através de alucinógenos e bebidas alcoólicas. Tanto os **Berserkers** quanto os **Velheidnar** eram fanáticos adoradores de Odin. Nas sagas são vistos como portadores de poderes sobrenaturais. (LANGER, 2009, p. 180).

“Odin podia ocasionar que em batalha seus inimigos fossem acometidos de cegueira, surdez ou terror, a ponto de suas armas não cortarem melhor do que varas; enquanto que seus homens recusavam-se a usar armaduras de malha e lutavam como cães loucos ou lobos, batendo seus escudos; eles tinham a força de ursos ou touros. Matavam o inimigo enquanto que nem fogo e nem ferro os impressionavam” (BRONDSTED, 2004, p. 101).

Os **berserkers** foram essenciais para o sucesso dos vikings nos embates durante a Idade Média, e muito antes da Era Viking, um cronista chamado Tácito já mencionava guerreiros entre os germanos com tais características. Vários estudos já foram realizados para explicar a razão do comportamento dessa elite guerreira, associando-o a utilização de alucinógenos, ao culto a Odín e ao êxtase associado à metamorfose xamânica em animais (LANGER, 2007, p.45).

“os homens de Odin avançam para as frentes sem armaduras, onde são tão loucos como cachorros ou lobos, mordem seus escudos, e são tão fortes quanto ursos ou bois selvagens e matam pessoas com um golpe, mas nem o ferro nem o fogo os detêm” (Saga dos Ynglingos, séc. XIII; **apud**: LANGER, 2007; In: *Desvendando a História* 3, p. 45)

Como valorização do guerreiro, muito valorizado na sociedade viking, podemos por em destaque a complexibilidade do ritual funerário (ritual da **nábjagir**) narrado pelo cronista árabe Ibn Fadlan²⁵: os olhos, bocas e narinas são fechados por uma mulher idosa denominada “anjo da morte”, que lavava o morto e vestia seus trajes fúnebres. O corpo já arrumado era posto num navio com riquezas e neste havia sacrifícios. Os escravos eram perguntados se gostariam de se juntar ao morto. O cronista narra que presencia uma voluntária que aceita o convite. Essa haveria de ter relações sexuais com vários guerreiros numa espécie de “festa de despedida” do morto. Depois dessa “festa”, a escrava era assassinada no navio pelo “anjo da morte”. Finalmente, um parente do morto atea fogo em todo o conjunto fúnebre (LANGER, 2009, p. 47).

Quanto ao seu armamento, qualquer homem livre poderia usá-lo, porém apenas os **jarls** recebiam o devido treinamento, sendo instruídos no manejo das armas desde crianças.

A espada era o principal instrumento bélico utilizado pelos escandinavos. Além da utilização constante no combate, ela é símbolo de poder e da classe social a qual seu

²⁵ Ibn Fadlan: explorador árabe, conhecido por narrar os ritos funerários do chefe dos Rus (vikings da área do Volga, atual Rússia), em 922 (LANGER, 2009, p. 47).

dono pertencia (LANGER, 2009, p. 178). Outro instrumento utilizado pelos vikings eram as facas curtas de combate, não apenas sendo usadas como armas, mas também tendo uso frequente no dia a dia, empregadas para pequenos afazeres domésticos. Eram constituídas por apenas um lado cortante e o cabo de madeira, sendo utilizadas inclusive por mulheres (BRONDSTED, 2004, p. 100). A lança é outro exemplo de arma usada pelos escandinavos, utilizada mais frequentemente para arremesso, porém anteriormente como arma de suporte. Embora marginalizados pela literatura, o arco e flecha foram decisivos em algumas batalhas, sendo em sua maioria marítimas. Graças a associações modernas, a arma mais associada ao guerreiro viking é o machado, porém seu uso é mais frequente na pirataria à frente de batalha. Era muito usado na 1ª Era Viking por ter seu custo baixo e servir também para agricultura. (LANGER, 2009, p. 179). Uma razão apontada por Brondsted para o machado ser o item bélico de maior associação aos vikings é o fato de outras armas já caracterizarem outros povos europeus (BRONDSTED, 2004, p. 99).

Quanto à defesa, destaca-se o elmo, diferente dos apresentados normalmente na modernidade. Em oposição a isso, eram básicos e sem chifres. O escudo era feito com madeira e com uma saliência de metal no centro, medindo cerca de 1 metro de diâmetro (LANGER, 2009, p. 180).

Embora os vikings sejam considerados piratas e bárbaros, eles possuíam a sua disposição uma organizada e calculada noção estratégica, sendo posta em prática nos momentos que antecederiam as batalhas, dando-lhes assim vantagens em momentos decisivos em meio aos prélios.

As marchas de incursões eram divididas em três partes: o contingente mais numeroso localizava-se na retaguarda; diversas tropas nas laterais eram encarregadas da procura de meios de sobrevivência (tais como alimentos, água e dinheiro); e na frente iam os líderes que guiavam a marcha (LANGER, 2009, p. 183).

A utilização do fogo para levar abaixo fortalezas e acampamentos inimigos era frequente dentre os nórdicos, desnorteando e desorientando assim os adversários. Existia também outra artimanha dos povos escandinavos que era semelhante à infiltração: um pequeno grupo distanciava-se da sua terra de origem e já fixado em um território ocupado, pilharia e destruiria com ação rápida e precisa. Havia a ocorrência de infiltração, porém voltado para influências na política, o que muitas vezes se dava em formas de casamentos e união de casas. Contudo, o modelo padrão era a guerra aberta: o

rei enviava diplomatas para fazerem acordos e ao mesmo tempo trabalharem como espiões. Com seu retorno, eram decididas e estudadas as estratégias de acordo com as informações trazidas, como o tipo de território e organização social do inimigo. Basicamente havia uma ordem a ser seguida: assumir o território inimigo, queimar a capital, dispersar o exército, modificar o governo, efetuar uma rendição e executar publicamente o rei inimigo. Com isso, vemos a existência de um modelo estratégico oposto ao estereótipo “bárbaro”, que visa à brutalidade e à força (LANGER, 2009, p. 180-182).

Para os guerreiros nórdicos, o culto a Odin ou a Thor era essencial, fundindo assim as qualidades marciais com as do deus da guerra, morte e poesia. Eram guiados pela força e coragem excessiva inspirada pelos deuses (**übermuot**). Tinham uma estratégia calculada, evitando combate com exércitos mais poderosos. Defensivamente, utilizavam o “testudo” (semelhante a “tartaruga” dos romanos), que se baseava em vários escudos unidos, concretizando assim uma sólida defesa, para isso, lançando mão de formações circulares e múltiplas. Em início de batalha, as lanças eram atiradas, assim como também flechas, vindo depois os guerreiros de assalto, com espadas e machados (LANGER, 2009, p. 183-184).

Embora a história nos apresente vários fatos sobre os vikings, outra valiosa fonte de informações são as sagas. Define-se saga como um gênero literário, caracterizado como narrativas em prosa, geralmente com origem islandesa, transcritas a partir do século XII. Narravam-se nelas história de antigos reis, heróis lendários e dos primeiros colonizadores, mantidos oralmente ou em alguns escassos registros escritos, como no caso de *O Livro dos Islandeses*²⁶ e *O Livro das Tomadas de Terra*²⁷.

As sagas destacam-se atualmente como umas das mais valiosas fontes para os estudos acerca da cultura nórdica, pois em seu **corpus** registram-se importantes aspectos culturais e religiosos. Frequentemente, essas narrativas são contadas em uma linha tênue entre a história e a ficção, muitas vezes provocando confusões. A etimologia da palavra refere-se a “o que se diz”, vindo do gótico “saega”, ou também vindo do islandês “segja” (dizer, contar) (MOOSBURGER, 2009, p.20).

Esses textos em caráter épico, contendo uma narrativa factual e rápida, descrevem atos relacionados a um personagem central, valorizando sua honra e

²⁶ Escrito por Ari Thorgilsson no séc. XII.

²⁷ *Landnámabók*, de autor anônimo, juntamente com *O Livro dos Islandeses*, é uma valiosa fonte para o estudo da história da colonização islandesa e ambos sinalizaram o início da tradição literária das sagas.

coragem. Assim como as epopeias gregas, as sagas originalmente eram transmitidas oralmente, e também narravam um passado heroico de fundo unitário, fundador e espelho para a constituição de uma identidade cultural. As sagas em prosa, como já dito, provavelmente foram inspiradas nesses poemas mais antigos de base oral e que serviram como uma fonte literária para os autores dessas obras (hoje todos desconhecidos), os quais se preocupavam não apenas com o fato histórico, como também com o entretenimento e a capacidade de comover.

No tocante ao carácter temático das obras, não eram apenas os islandeses a serem tratados. Havia um grande grupo de sagas de reis, sagas que contam histórias de santos, bispos e também sagas de cavaleiros (**Riddarasögur**), mostrando um contexto europeu e bretão, muitas vezes importadas e traduzidas. Um estilo de saga que merece o mesmo destaque são as sagas míticas e lendárias (**Fornaldarsögur nordurlanda**, as sagas dos tempos antigos da terra do norte), em que se encaixa a *Volsunga Saga* (MOOSBURGER, 2009, p. 21 e 22),

Como podemos constatar, o ideal bélico mantinha-se sempre presente na cultura escandinava, como exemplificados na história, etimologia e religiosidade. No entanto, a cultura que se estendeu no norte da Europa conta com uma vasta produção narrativa, artística e religiosa, formadora de uma identidade cultural una entre as diferentes tribos vikings. O modelo de guerra organizado, sua estratégia e a valorização do espírito guerreiro proporcionaram sucesso em várias batalhas durante o medievo, desmentindo a concepção moderna, disseminadora de equívocos acerca desse povo, associando-o à desordem e falta de estratégia e liderança, além de outras falaciosas concepções, assimilando-os à barbárie e ausência de produção artística. O trabalho interdisciplinar, que aqui sucintamente se encerra, demonstra exatamente isto.

Bibliografia

ANÔNIMO Séc. XIII. *Saga dos Volsungos*. Tradução de Théo de Borba Moosburger. São Paulo: Hedra, 2009.

BRONDSTED, Johannes. *Os vikings: História de uma fascinante civilização*. Tradução de Mercedes Frigolla & Claudete Água de Melo São Paulo: Hemus, s/d.

GRAHAM-CAMPBELL, James. *Os Vikings*. Tradução de Carlos Nougé. Barcelona: Folio, 2006.

LANGER, Johnni. *Deuses, monstros e heróis: Ensaio de mitologia e religião viking*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2009.

_____. *História e Sociedade nas Sagas Islandesas: Perspectivas Metodológicas*. Alétheia - Revista de estudos sobre Antigüidade e Medievo. Vol. 1, 2009

_____. *Erfi: As Práticas Funerárias na Escandinávia Vikings e Suas Representações*. Brathair - Revista de Estudos Celtas e Germânicos, Vol. 5, No 1, 2005.